

JOHN GREEN
MAUREEN JOHNSON
LAUREN MYRACLE

QUANDO A NEVE CAI

«Um livro mais que perfeito.» *The Guardian*



TOPSELLER

Índice

O Expresso Jubilee 7
Maureen Johnson

Um Milagre de Natal Fantabulástico 113
John Green

O Santo Patrono dos Porcos 197
Lauren Myracle

O Espresso Jubilee

MAUREEN JOHNSON

Capítulo 1

Estávamos na noite da véspera de Natal.

Bem, para ser mais exata, estávamos na tarde da véspera de Natal. Mas, antes de vos levar ao centro da ação, é melhor esclarecer já uma coisa. A experiência ensinou-me que o assunto acaba sempre por vir à baila, e distrair-vos-á de tal forma que não conseguirão concentrar-se em mais nada do que eu possa contar-vos. Chamo-me Jubilee¹ Dougal. Respirem por um momento e deixem que o meu nome assente nos vossos espíritos. Estão a ver? Quando é dito logo de início, até nem é assim tão mau. Agora imaginem que eu já ia a meio de uma longa história (o que vai ser o caso) e que eu vos atirava com isto de repente, tipo: «Ah, é verdade, chamo-me Jubilee.» Ficariam sem saber o que fazer a seguir.

Eu sei que «Jubilee» é um nome meio de... stripper. Talvez pensem até que já dancei num varão, mas não foi o caso. Se me

¹ A palavra significa «jubileu». [N. do T.]

vissem, perceberiam logo que não sou uma stripper (quero dizer, acho que perceberiam...). Costumo ter o cabelo preso num rabo de cavalo curto e passo metade do tempo de óculos e outra metade de lentes de contacto. Tenho 16 anos, canto num coro e participo em olimpíadas de matemática. Também jogo hóquei de campo, que é algo que não prima pela beleza oleada e curvilínea característica das strippers. (Não tenho nada contra estas dançarinas, caso alguma esteja a ler isto, simplesmente não sou uma delas. No que se refere a este tipo de danças, o que mais me incomodaria seria o látex. Parece-me que é capaz de não ser muito bom para a pele, visto que não a deixa respirar.)

O meu problema é que «Jubilee» não é um nome de pessoa, antes parece o nome de uma festa, embora não se saiba bem de que tipo. Já alguma vez ouviram dizer que alguém deu um jubileu? E, se tivessem ouvido falar de tal coisa, iriam? Eu não! Parece uma daquelas festas em que é preciso alugar um grande objeto insuflável, pôr bandeiras e preparar uma grande operação logística para o lixo.

Pensando melhor, até se pode comparar com uma daquelas danças folclóricas americanas em grupo.

Bem, o meu nome tem muito a ver com esta história, e, como já disse, estávamos na tarde da véspera de Natal, e eu estava a ter um daqueles dias em que temos a sensação... de que a vida gosta de nós. Os exames tinham terminado, e as aulas só recomençariam depois do Ano Novo. Eu estava sozinha em casa, e a casa parecia-me acolhedora e confortável. Já tinha vestido a toilette que reservara para aquela noite: uma saia preta, collants, uma t-shirt de um vermelho vivo e as minhas botas pretas novas. Estava a beber uma gemada de café que tinha feito só para mim e tinha os presentes todos embrulhados e preparados. Tudo se preparava para a grande noite. Eu tinha de estar em casa do Noah — refiro-me ao Noah Price, o meu namorado — às 6 da tarde para a tradicional ceia de Natal da sua família.

A ceia de Natal da família Price ocupa um lugar de relevo na nossa história, pois foi através dela que nos conhecemos. Antes, o Noah Price era apenas uma estrela no meu céu... uma coisa constante, familiar, esplendorosa e bem fora do meu alcance. Eu conhecia o Noah desde a 4.^a classe, mas tinha a impressão de o conhecer da mesma forma que conhecia as personalidades famosas da televisão: sabia os seus nomes e assistia aos seus programas. O Noah estava mais próximo de mim do que isto, claro, mas... de alguma forma, quando se trata da realidade, da nossa vida... estas pessoas podem parecer ainda mais afastadas e inalcançáveis do que as verdadeiras celebridades. A proximidade não implica necessariamente familiaridade.

Eu sempre gostara dele, mas nunca me ocorrera a possibilidade de vir a gostar mesmo a sério. Nunca me pareceu um desejo razoável. Era um ano mais velho do que eu, 30 centímetros mais alto e tinha os ombros largos, os olhos claros e o cabelo encaracolado. O Noah era perfeito: atlético, inteligente, tinha uma função importante na associação de estudantes, enfim, era o tipo de rapaz que não conseguimos imaginar a sair com alguém que não seja modelo, espia ou uma pessoa que tenha dado o nome a algum laboratório.

Portanto, quando o Noah me convidou para a ceia de Natal do ano passado, a excitação e a confusão quase fizeram com que os olhos me saltassem das órbitas. Depois de receber aquele convite, passei três dias em que nem conseguia andar sem que me tremessem as pernas. A coisa foi de tal forma grave que tive de *praticar conscientemente o ato de caminhar* no meu quarto antes de ir a casa dele. Eu estava na dúvida se ele me teria convidado por gostar de mim, porque a mãe o tinha obrigado (os nossos pais conhecem-se) ou por ter perdido alguma aposta. Todas as minhas amigas estavam tão entusiasmadas quanto eu, mas pareciam compreender melhor a situação do que eu própria, pois garantiram-me que ele já

me tinha deitado o olho nas olimpíadas de matemática, que se ria das minhas tentativas de fazer piadas com a trigonometria e que arranjava sempre maneira de fazer referências a mim nas conversas.

Foi uma coisa completamente louca... tão estranha como descobrir que alguém tinha escrito um livro sobre a minha vida, ou coisa do género.

Quando lá cheguei, passei quase toda a noite na segurança do canto a que me recolhi a conversar com a irmã dele, que não é propriamente uma pessoa com quem se possa manter uma conversa muito profunda (apesar de eu gostar muito dela). Normalmente, as conversas sobre camisolas com capuz esgotam-se depressa, mas a Elise possui a capacidade extraordinária de as prolongar, pois tem algumas teorias sobre o assunto.

Mas a minha oportunidade acabou por chegar quando a mãe do Noah pôs outro prato à mesa: consegui descartar-me com a desculpa do «não me leves a mal, mas aquilo está mesmo com um aspeto apetitoso!». Inicialmente, eu não fazia ideia do que o prato continha; depois vim a perceber que era peixe em conserva de vinagre. Preparava-me para me afastar quando a senhora insistiu para que eu provasse.

Como tenho uma certa tendência para o desastre, provei, mas daquela vez resultou, pois reparei que o Noah olhava para mim.

«Ainda bem que provaste», disse-me ele. Perguntei-lhe porque é que tinha dito aquilo — porque acho que estava realmente convencida de que tudo aquilo tinha a ver com alguma aposta do tipo «OK, pessoal, eu convido-a para a ceia de Natal, mas terão de me pagar 20 dólares se eu a conseguir convencer a comer peixe em conserva de vinagre» —, ao que ele me respondeu: «Porque eu também tenho estado a comer desse peixe.»

Fiquei especada a olhar para ele, com o que presumo ter sido uma encantadora expressão de confusão total estampada

na cara, pois o Noah acrescentou que não poderia beijar-me se eu não tivesse comido daquilo também, o que é simultaneamente um nojo e uma coisa incrivelmente romântica. Ele podia ter subido as escadas e lavado os dentes, mas preferiu permanecer ali, perto do peixe, preparando o assalto à minha pessoa. Escapulimo-nos para a garagem e beijámo-nos debaixo da prateleira das ferramentas elétricas. Foi aí que tudo começou.

Portanto, a véspera de Natal específica de que vou falar não foi uma véspera de Natal qualquer, mas o primeiro aniversário do nosso namoro. Eu quase nem queria acreditar que já tinha passado um ano. Tudo passara tão rápido...

O Noah está sempre muito ocupado. Quando veio ao mundo — minúsculo, irrequieto e rosado —, o mais provável é que as enfermeiras tenham tido de lhe tirar as impressões digitais dos pés enquanto ele tentava sair a toda a velocidade do hospital para ir a uma reunião qualquer. Quando chegou à idade adulta, o seu tempo livre ficou reduzido a quase nada, pois passou a fazer parte da equipa de futebol e assumiu as funções de presidente da associação de estudantes. Durante o nosso primeiro ano de namoro, devemos ter saído sozinhos, como namorados a sério, para aí uma dúzia de vezes. Devemos ter conseguido uma média de uma saída a sós por mês, mas aparecíamos juntos em público muitas vezes. Ele era Noah e Jubilee na venda de bolos da associação de estudantes; Noah e Jubilee junto à mesa dos prémios do sorteio da equipa de futebol; Noah e Jubilee na distribuição de comida, na sala de estudo, na reunião de organização da receção aos antigos alunos...

O Noah tinha consciência disto e, apesar de aquela noite se tratar de uma festa em família, com muita gente presente, prometeu-me que arranjará algum tempo só para nós. Garantira-o ajudando previamente nos preparativos da noite de Natal. Prometeu-me que, se passássemos duas horas na

festa, poderíamos escapulir-nos para o quarto das traseiras para trocarmos os nossos presentes e assistirmos ao filme *Como o Grinch Roubou o Natal* só os dois. Depois levar-me-ia a casa, de carro, e faríamos uma paragem pelo caminho...

Mas é claro que os meus pais foram presos, e todos esses planos saíram gorados.

Conhecem a Vila Natal Flobie? É uma parte tão importante da minha vida que parto sempre do princípio de que toda a gente sabe o que é, mas, como ultimamente me têm dito que presumo demasiadas coisas, passo a explicar.

A Vila Natal Flobie é um conjunto de peças em cerâmica com que podemos formar uma cidade em miniatura. Os meus pais têm vindo a colecioná-las desde que nasci, e tenho vindo a olhar de alto para aquelas minúsculas ruas, com as suas calçadas de plástico, desde que cresci o suficiente para me manter de pé sozinha. Temos tudo, desde a ponte feita com bengalinhas de caramelo à Viela dos Bombons, passando pelo Lago Nevenão, pela loja das gomas e pelas casinhas de bolo de gengibre. Não é uma coisa pequena! Os meus pais até compraram uma mesa especial para a exporem, e ocupa o centro da nossa sala de estar desde o Dia de Ação de Graças até ao Dia de Ano Novo. São precisos sete cabos elétricos para pôr aquilo tudo a funcionar. Consegui convencê-los a desligarem aquilo à noite, para diminuir o impacto ambiental, mas foi uma luta!

Batizaram-me com o nome do edifício n.º 4 da Vila Natal Flobie, o Salão Jubilee, que é o maior edifício da coleção e o local principal onde os presentes são feitos e embrulhados. Tem luzes coloridas, um tapete rolante que funciona e que transporta os presentes que lhe estão colados e duendes que se viram como se estivessem a carregá-los e a descarregá-los. Cada um dos duendes do Salão Jubilee tem um presente colado às mãos. Portanto, o que aquele conjunto parece

realmente é uma data de seres torturados, condenados a levantarem e pousarem o mesmo presente vezes sem conta até ao fim dos tempos ou até o motor se avariar. Lembro-me de ter referido isto à minha mãe quando era miúda, e ela respondeu-me que eu não estava a perceber o mais importante. Talvez ela tivesse razão... Claramente, tínhamos pontos de vista diferentes sobre aquilo, tendo em conta que ela considerava aqueles pequenos edifícios suficientemente importantes para dar o nome de um deles à sua única filha.

As pessoas que colecionam as peças da Vila Flobie tendem a tornar-se um bocadinho obcecadas com esta espécie de Lego. Chegam a fazer convenções e têm até uma dúzia de sítios sérios na Internet e quatro revistas. Algumas destas pessoas tentam justificar-se dizendo que as peças da Vila Flobie são um investimento. É verdade que estas peças custam realmente muito dinheiro, especialmente as de série limitada, que só podem ser compradas no salão de exposições de véspera de Natal da Flobie. Vivemos em Richmond, no estado da Virgínia, que fica a uns meros 80 quilómetros de distância do dito salão, por isso, todos os anos, na noite de 23 de dezembro, os meus pais saem de casa com o carro cheio de cobertores, cadeiras e provisões e vão passar a noite inteira na fila, à espera.

A Flobie costumava fazer séries limitadas de cem peças, mas no ano passado passaram a produzir séries só de dez, e foi nessa altura que as coisas começaram a correr mal. As séries limitadas de apenas cem peças já não chegavam — longe disso! —, portanto, quando a Flobie reduziu a produção para um décimo daquela quantidade, os clientes começaram a mostrar as garras e começaram a fazer estragos. No ano passado, houve um problema quando as pessoas tentaram manter os seus lugares na fila... um problema que as levou a andarem à cacetada com catálogos da Flobie enrolados, a atirarem umas às outras caixas de biscoitos, a espezinharem as

respetivas cadeiras desdobráveis e a atirarem *Coca-Cola* quente aos gorros de Pai Natal umas das outras. A briga foi suficientemente importante e ridícula para chegar às páginas dos jornais locais. Os responsáveis da Flobie afirmaram que estavam a tomar medidas para garantirem que tal coisa não voltaria a acontecer, mas nunca acreditei naquilo. É que aquele tipo de publicidade é demasiado apetecível...

Mas não me lembrei disto quando os meus pais saíram para ir passar a noite na fila com o objetivo de adquirirem a peça n.º 68, que era o Hotel dos Duendes. E continuei sem me lembrar do assunto enquanto bebia a minha gemada de café, fazendo tempo até chegar a altura de me dirigir à casa do Noah. Porém, notei que os meus pais estavam, de facto, a demorar-se mais do que o normal. Normalmente, voltavam da Flobie por volta da hora do almoço da véspera de Natal, e já eram quase 4 da tarde. Comecei então a fazer algumas das coisas que se fazem naquela quadra para me manter ocupada. Não podia telefonar ao Noah porque sabia que ele estaria ocupado a preparar-se para a ceia de Natal, portanto, entretive-me a acrescentar mais fitas e azevinho aos seus presentes. Liguei todos os cabos de alimentação da Vila Natal Flobie, obrigando todos os duendes escravizados a trabalhar, e pus a tocar canções de Natal. Estava mesmo a sair para ligar as luzes da fachada da casa quando vi o Sam aproximar-se com o seu passo de tropa de assalto.

O Sam é o nosso advogado — e, quando digo «nosso advogado», o que quero mesmo dizer é: «o nosso vizinho que, por acaso, é um advogado bastante influente em Washington D.C.» O Sam é precisamente a pessoa que queremos ter conosco quando precisamos de enfrentar judicialmente uma grande empresa ou quando somos processados e condenados a pagar milhões de dólares. Porém, não é propriamente a simpatia em pessoa. Ia convidá-lo a entrar e provar uma das minhas deliciosas gemadas de café, mas ele interrompeu-me.

— Trago más notícias — disse-me ele, fazendo-me entrar na minha própria casa. — Houve mais um incidente no salão de exposições da Flobie. Vamos entrar.

Pelo tom com que me falou, pensei que ia dizer-me que os meus pais tinham sido assassinados. Imaginei vigas enormes do Hotel dos Duendes a saltar da esteira rolante e a atingir todos quantos se encontravam nas redondezas. Já tinha visto fotografias daquele hotel à escala e sabia que tinha espihões afiados feitos de bengalinhas de caramelo que poderiam facilmente empalar alguém. E, se alguém fosse morto por um hotel de duendes, essas pessoas seriam os meus pais.

— Foram detidos — disse-me o Sam. — Estão na prisão.

— Quem? — perguntei, porque sou um pouco lenta e também porque mais facilmente conseguia imaginar os meus pais a serem mortalmente atingidos pelas peças voadoras de um hotel de duendes do que a serem algemados.

O Sam limitou-se a olhar para mim e esperar que eu chegasse lá sozinha.

— Houve mais uma rixa quando as peças foram postas à venda esta manhã — explicou ele, depois de mais uma pausa. — A discussão teve a ver com quem estava primeiro na fila. Os teus pais não estiveram diretamente envolvidos, mas recusaram-se a dispersar quando a polícia ordenou. Portanto, foram levados juntamente com os outros. Foram detidas cinco pessoas. A imprensa não fala de outra coisa.

As minhas pernas começaram a tremer, e tive de me sentar no sofá.

— Porque é que eles não me telefonaram? — perguntei.

— Porque só têm direito a uma chamada telefónica — respondeu ele. — Telefonaram para mim porque pensaram que eu conseguiria tirá-los de lá, mas não consigo.

— Como assim, não consegue?

A ideia de ele não conseguir tirar os meus pais da cadeia era ridícula. Era como ouvir o piloto de um avião dizer pelo

intercomunicador: «Senhores passageiros, acabei de me lembrar de que não sei aterrar, por isso vamos continuar a voar em círculos até alguém ter uma ideia melhor.»

— Fiz o melhor que pude — retomou Sam —, mas o juiz é inflexível. Está farto destes problemas no salão da Flobie, por isso quer fazer do caso um exemplo para futuros desordeiros. Os teus pais pediram-me para te levar à estação de comboios. Só tenho uma hora, depois tenho de voltar para comer alguns biscoitos acabados de fazer, e às 5 vou cantar num coro. Despacha-te a fazer as malas.

Disse isto com o mesmo tom grave que provavelmente usava quando interrogava os réus em tribunal sobre por que tinham sido vistos a fugir da cena do crime cobertos de sangue. Não parecia muito contente por aquele frete lhe ter sido impingido na véspera de Natal. Uma ajudinha da Oprah teria vindo a calhar.

— Fazer as malas? Estação de comboios? De que é que está a falar?

— Vais para casa dos teus avós, na Florida — informou-me. — Não consegui arranjar um voo para lá porque estão a cancelá-los todos devido à tempestade.

— Qual tempestade?

— Jubilee... — disse ele num tom paternalista, sabendo que eu era a pessoa mais distraída do planeta Terra. — Vem aí a maior tempestade dos últimos 50 anos!

O meu cérebro não estava a funcionar a cem por cento, pois não conseguia processar nada daquilo.

— Não posso ir — disse-lhe eu. — Tenho de ir a casa do Noah esta noite. E há o Natal! Como é que eu vou fazer, com o Natal?

O Sam encolheu os ombros, como se quisesse dizer que a questão do Natal era algo que escapava ao seu controlo e que nem o sistema legal podia fazer o que quer que fosse quanto a isso.

— Mas... porque não posso ficar aqui? Isto é de doidos!

— Os teus pais não te querem sozinha durante dois dias nesta altura do ano.

— Posso ir para casa do Noah! Aliás, *tenho* de ir para casa do Noah!

— Ouve — insistiu —, já está tudo preparado. Neste momento, não podemos comunicar com os teus pais, mas já comprei o teu bilhete e não tenho muito tempo. Vais ter de fazer as malas já, Jubilee.

Virei-me e olhei para a minúscula cidade com as luzes a acenderem-se e a apagarem-se ao pé de mim. Vi as sombras dos duendes condenados a trabalhar no Salão Jubilee, o brilho acolhedor da pastelaria da Sra. Muggin e a marcha lenta mas animada do Expresso dos Duendes ao longo da diminuta linha férrea.

— Mas... e a cidade dos duendes? — foi a única coisa que me ocorreu perguntar.

Capítulo 2

Eu nunca tinha andado de comboio. Era mais alto do que eu pensava, com janelas no segundo piso das carruagens que imaginei serem os vagões-cama. No interior, a luz era fraca, e as pessoas que lá se encontravam apinhadas pareciam catatónicas. Pensei que o comboio começaria a deitar vapor e a avançar lentamente, disparando depois como um foguete, pois tinha assistido a muitos desenhos animados durante a minha juventude desperdiçada e é assim que os comboios dos desenhos animados funcionam. No entanto, o comboio em que eu me encontrava iniciou a marcha indiferentemente, como se se tivesse fartado de estar parado.

É claro que telefonei ao Noah assim que o comboio arrancou. Aquilo pareceu-me uma ligeira distorção do princípio de não telefonarmos quando sabemos que estamos atrasados e só veremos a pessoa na festa, mas, se havia circunstâncias em que isso se justificava, aquela era absolutamente uma

delas. Quando ele atendeu a chamada, ouvi o ruído de fundo da animação dos preparativos da festa. Apercebi-me de música e do tilintar de pratos, o que contrastava de uma forma deprimente com o ruído claustrofóbico do comboio.

— Lee! — exclamou ele. — Ligaste em má altura. Vemo-nos daqui a uma hora?

Soltou um ligeiro gemido. Pareceu-me que pegava em alguma coisa pesada, provavelmente algum dos gigantescos pennis que a mãe conseguia sempre desencantar para a ceia de Natal. Deve ir buscá-los a algum tipo de quinta onde se fazem experiências genéticas e os porcos são criados com raios laser e carradas de hormonas até atingirem para aí dez metros de comprimento.

— Pois... aí é que está o problema — respondi-lhe. — Não posso ir...

— Como assim, não podes vir? O que se passa?

Expliquei-lhe o melhor que pude o motivo de os meus pais terem sido detidos, porque é que eu me encontrava num comboio no meio de uma tempestade e o facto de as coisas não estarem a correr bem como tínhamos planeado. Tentei aligeirar a questão, como se lhe achasse piada, sobretudo para evitar desatar a chorar convulsivamente num comboio escuro, cheio de estranhos meio entorpecidos.

Mais um gemido. Pareceu-me que ele arrastava alguma coisa.

— Vai correr tudo bem — disse ele, passados alguns instantes. — O Sam já está a tratar do assunto, não é verdade?

— Bem, se te referes a não os tirar da cadeia, sim, está a tratar disso. Nem sequer parece preocupado.

— O mais provável é que estejam nalguma cadeia pequena — respondeu-me. — Não deve ser má. E, se o Sam não está preocupado, é porque vai correr tudo bem. Lamento que isso tenha acontecido. Vemo-nos daqui a um ou dois dias.

— Pois, mas é Natal — retorqui, com a voz embargada e reprimindo uma lágrima. O Noah deu-me alguns instantes para me recompor.

— Eu sei que a situação é complicada, Lee — confortou ele, após uma curta pausa —, mas vai correr tudo bem. Acredita que vai! É só uma daquelas situações chatas...

Percebi que ele estava a atentar acalmar-me e consolar-me, mas ainda assim... «uma daquelas situações chatas»?! Aquilo não era apenas *uma daquelas situações chatas!* Situações chatas são quando temos uma avaria no carro, uma gastroenterite ou quando as luzes de Natal entram em curto-circuito e se fundem em toda a vedação do jardim. Disse-lhe isto mesmo, e ele suspirou, percebendo que eu tinha razão. Depois, voltou a gemer.

— O que é que tens? — perguntei-lhe, no meio de uma fungadela.

— Estou a pegar num pernil enorme — respondeu-me. — Tenho de desligar. Olha, celebramos outro Natal quando voltares, prometo-te! Havemos de arranjar algum tempo, não te preocupes. Telefona-me quando chegares, OK?

Prometi-lhe que telefonava. Ele desligou e foi fazer o que tinha de fazer com o pernil. Fiquei a olhar para o telemóvel, agora silencioso.

O facto de namorar com o Noah levava-me, por vezes, a compreender as pessoas casadas com figuras políticas. Percebe-se que têm as suas próprias vidas, mas, como amam a pessoa com quem estão, acabam por se ver arrastadas para o meio do turbilhão. Pouco depois, ei-las a acenar e a sorrir inexpressivamente para as câmaras, com balões a cair-lhes por cima das cabeças e as equipas das televisões a afastá-las para chegarem ao outro, que é o elemento importante do casal e o exemplo da perfeição.

Sei que ninguém é perfeito e que sob todas as fachadas de perfeição há sempre um novelo confuso de subterfúgios e

tristezas encobertas... Mas, mesmo considerando isto, o Noah estava bastante próximo da perfeição. Eu nunca tinha ouvido ninguém tecer um comentário negativo sobre ele. O seu estatuto era tão inquestionável como a própria gravidade. Ao escolher-me para sua namorada, demonstrou que acreditava em mim, e essa convicção acabou por me contagiar. Passei a caminhar mais direita e a sentir-me mais confiante, mais consistentemente otimista, mais importante... Ele gostava de ser visto comigo, e eu própria também passei a gostar de ser vista comigo, se é que isto faz algum sentido.

Portanto, é verdade que, por vezes, os seus inúmeros afazeres eram uma chatice, mas eu compreendia. Por exemplo, quando temos de levar um pernil enorme à nossa mãe porque estamos prestes a receber uma horda de 60 convidados para a ceia de Natal, não há como escapar a essa tarefa. Temos de aceitar as partes menos boas sem nos queixarmos. Retirei o *iPod* da bolsa e aproveitei o que restava da carga da bateria para ver algumas fotos dele. Pouco depois, a carga esgotou-se.

Senti-me tão sozinha naquele comboio... Era uma solidão estranha, anormal, que permeava todo o meu ser. Era mais do que tristeza, pois ultrapassava até o próprio medo. Também me senti cansada, mas não era o tipo de cansaço que o sono resolvesse. A carruagem estava mergulhada na obscuridade, e o ambiente era sombrio, mas não me parecia que as coisas viessem a melhorar se as luzes se acendessem. Quando muito, isso permitir-me-ia ver com maior clareza a desagradável situação em que me encontrava.

Pensei em telefonar aos meus avós, que já sabiam que eu ia para casa deles, pois o Sam tinha-me dito que lhes ligara. Ficariam felizes por falarem comigo, mas não me apetecia ligar-lhes. Os meus avós são pessoas extraordinárias, mas fazem logo uma complicação de tudo. Por exemplo, se forem à mercearia de propósito para comprar as pizzas congeladas ou a sopa anunciadas no folheto e esses produtos já estiverem

esgotados, passam meia hora à porta do estabelecimento a discutir o que farão a seguir. Se lhes telefonasse, todos os aspetos da minha visita teriam de ser discutidos até ao mais ínfimo detalhe. Que cobertor é que eu preferia? Ainda gostava de biscoitos? Deveria o avô ir comprar mais champô? Estas atenções eram sempre amorosas, mas também eram demais para o meu estado de espírito naquele momento.

Gosto de pensar que sou uma pessoa proativa, e estava determinada a abstrair-me do medo. Remexi o saco para ver o que tinha conseguido lá enfiar quando fui quase arrastada para fora de casa e descobri que me tinha preparado muito mal para a viagem que tinha pela frente. Levava comigo apenas o essencial: alguma roupa interior, um par de calças de ganga, duas camisolas grossas, algumas blusas e os meus óculos. A bateria do meu *iPod* estava descarregada, e levava apenas um livro comigo. O título era *A Abadia de Northanger*. Que fazia parte da minha lista de livros a ler durante as férias de Natal para a disciplina de Inglês. É uma obra muito interessante, mas não propriamente o que mais desejamos ler quando sentimos as garras deslizantes da perdição iminente.

Por isso, passei duas horas a olhar para a janela enquanto o sol se ia pondo, o rosa cristalizado do céu se ia tornando prateado e os primeiros flocos de neve iam começando a cair. Eu sabia que aquele cenário era lindo, mas uma coisa é sabermos que algo é lindo, outra completamente diferente é darmos-lhe importância, e naquele momento eu não queria saber de paisagens. A neve começou a cair com maior intensidade e rapidez e cobriu tudo, até não se ver mais nada senão um manto branco. Vinha de todas as direções ao mesmo tempo, soprada até de baixo do comboio. Senti-me tonta e um pouco indisposta ao observar aquilo.

Comecei a ver pessoas a entrar na carruagem com caixas de comida na mão. Eram batatas fritas de pacote, bebidas gaseificadas e sandes compradas. Era evidente que se podia

adquirir comida algures naquele comboio. O Sam metera-me 50 dólares na mão quando chegámos à estação, os quais seriam integralmente extraídos aos meus pais assim que eles fossem libertados. Como não tinha mais nada para fazer, levantei-me e dirigi-me à carruagem-bar, onde fui imediatamente informada de que já só havia algumas pizzas pequenas de massa fofa aquecidas no micro-ondas, dois queques, algumas barras de chocolate, um saco de nozes e uma peça de fruta com um aspeto deslavado. Deu-me vontade de felicitar a empresa por estar tão bem preparada para o pico da quadra, mas o empregado do bar pareceu-me realmente cansado e o meu sarcasmo era a última coisa de que precisava. Pedi-lhe uma das pizzas pequenas, duas barras de chocolate, os queques, as nozes e um chocolate quente. Pareceu-me melhor preparar-me para o resto da viagem com alguma comida, já que ela estava a desaparecer com aquela rapidez. Meti-lhe uma nota de 5 dólares na caixa, e o homem agradeceu-me com um aceno de cabeça.

Ocupei um dos lugares vagos, a uma das mesas fixadas na parede da carruagem. O comboio começou a tremer bastante, apesar de estarmos a abrandar. O vento fustigava-nos de ambos os lados. Não toquei na pizza e queimei os lábios no chocolate quente. De qualquer forma, seria a única coisa que lhes aconteceria.

— Importas-te que me sente aqui? — perguntou-me uma voz.

Ergui o olhar e vi um tipo exceccionalmente atraente ao meu lado, de pé. Mais uma vez, reparei e voltei a não dar importância. Contudo, impressionou-me mais do que a neve. Tinha o cabelo escuro como o meu, o que significava que era preto. Porém, usava-o mais comprido, pois o meu chega-me um pouco abaixo do queixo e o dele formava um rabo de cavalo. Parecia um índio americano, com as maçãs do rosto altas. O fino blusão de ganga que envergava não era, nem

por sombras, suficiente para o proteger do temporal no exterior. No entanto, havia algo nos seus olhos que despertou a minha atenção: pareceu-me atordoado, como se se esforçasse para os manter abertos. Tinha acabado de pedir um café e agarrava o copo com alguma intensidade.

— Claro que não — respondi-lhe.

Não moveu a cabeça ao sentar-se, mas reparei que lançou um olhar de relance para toda a comida que eu tinha na caixa. Algo me dizia que ele tinha muito mais fome do que eu.

— Serve-te — ofereci-lhe. — Decidi comprar alguma comida antes que esgotasse, mas nem tenho assim tanta fome. Não toquei nesta pizza. — Ele mostrou uma relutância educada por momentos, mas eu insisti. — Sei que parece uma base para copos — acrescentei —, mas era a única coisa que eles tinham. Come, a sério!

— Chamo-me Jeb — apresentou-se ele, com um ligeiro sorriso.

— Muito prazer, eu sou a Julie — respondi-lhe.

Não me apeteceu aturar aquela conversa do «Jubilee? Chamas-te mesmo Jubilee?! O que costumavas usar no teu espetáculo, óleo para bebés ou algum óleo de nozes? Alguém limpa o varão depois de ser usado?». Enfim, não estive para aturar tudo aquilo que vos expliquei no princípio. Além disso, a maioria das pessoas chama-me Julie; só o Noah é que me chamava Lee.

— Para onde vais? — perguntou-me ele.

Eu não tinha nenhuma história preparada para o assunto dos meus pais ou para o motivo de me encontrar naquele comboio. Seria demasiado contar toda a verdade a um estranho.

— Vou visitar os meus avós — respondi-lhe. — Foi assim uma espécie de alteração de planos à última hora.

— Onde é que eles vivem? — perguntou-me, observando a neve rodopiante que fustigava a janela da carruagem.

Era impossível distinguir onde terminava o céu e começava o solo. O manto de neve tinha-se abatido de repente sobre nós.

— Na Florida — respondi.

— Tens uma longa viagem pela frente. Eu fico já em Gracetown, que é a próxima paragem.

Assenti com a cabeça. Já tinha ouvido falar de Gracetown, mas não fazia a menor ideia de onde ficava exatamente. Calculava que ficasse algures naquele longo caminho coberto de neve entre mim e lado nenhum.

Tornei a oferecer-lhe a caixa de comida, mas ele abanou a cabeça.

— Já estou satisfeito — disse o Jeb —, e obrigado pela pizza. Estava quase morto de fome! Escolhemos um mau dia para viajar. Mas também não temos grande escolha. Por vezes, temos de fazer coisas de que não estamos muito seguros...

— Quem é que vais visitar? — perguntei-lhe.

Ele voltou a baixar o olhar e dobrou a base de cartão em que a pizza tinha sido entregue.

— Vou visitar a minha namorada. Bem, é uma espécie de namorada... Tenho tentado ligar-lhe, mas não consigo apanhar rede.

— Eu tenho rede — disse-lhe eu, tirando o meu telefone da bolsa. — Usa o meu telemóvel. Não vou conseguir gastar todos os minutos que ainda tenho para este mês, nem de longe!

O Jeb pegou no telefone com um sorriso rasgado. Quando se levantou, reparei em como era alto e largo de ombros. Se eu não fosse tão completamente dedicada ao Noah, teria ficado toda derretida. Afastou-se meia dúzia de metros, até a um ponto do outro lado da carruagem, e vi-o marcar o número, mas acabou por desligar sem ter falado.

— Não consegui falar com ela — disse o Jeb, voltando a sentar-se e devolvendo-me o aparelho.

— Então quer dizer que é «uma espécie de namorada»? — perguntei-lhe, sorrindo. — Ainda não têm a certeza se são namorados?

Lembrava-me bem das primeiras vezes em que eu e o Noah tínhamos saído e em que eu ainda não tinha a certeza se era sua namorada. Naquela altura, andava sempre tão deliciosamente nervosa!

— Ela traiu-me — respondeu-me ele, direto.

Oh, eu tinha percebido mal... mesmo mal! Senti pena dele, do fundo do coração. Senti mesmo!

— A culpa não foi dela — explicou ele, após uma pausa. — Pelo menos não na totalidade. Eu...

Não cheguei a ouvir o que tinha acontecido porque a porta da carruagem abriu-se de repente e ouviu-se um guincho parecido com o som que o *Beaker* — a catatua horrível e oleosa que tínhamos como mascote na 4.^a classe — costumava emitir. O *Beaker* foi a ave que o Jeremy Rich ensinou a gritar a palavra «rabo». O pássaro adorava guinchar e gritar aquela palavra, e fazia-o muito bem! Ouvia-se por todo o corredor, até à sala das raparigas. A catatua acabou por ser levada para a sala dos professores, onde é capaz de ser possível uma ave estender as asas oleosas e berrar «rabo» até se cansar.

No entanto, não era o *Beaker* que tinha acabado de entrar gritando a palavra «rabo», mas 14 raparigas com calças de fato de treino idênticas, justas ao corpo e todas com o dístico «RIDGE CHEERLEADING» nos traseiros (acho que era outra forma de gritar «rabo»). Todas tinham os respetivos nomes nas costas dos seus casacos justos e quentes. Reuniram-se em torno do bar, gritando a plenos pulmões. Eu esperava sinceramente e reza-va para que elas não decidissem gritar «Oh, meu Deus!» todas ao mesmo tempo, mas as minhas preces não foram ouvidas, talvez por Deus estar ocupado a ouvi-las a todas.

— Eles não têm nada rico em proteínas magras! — ouvi exclamar uma delas.

— Eu avisei-te, Madison. Devias ter comido aquele rolo de alface quando tiveste oportunidade.

— Pensei que tivessem pelo menos peito de frango!

Reparei, com um espanto sofredor, que ambas as raparigas envolvidas naquela conversa se chamavam Madison. Mas o pior é que havia três outras chamadas Amber! Senti-me como se tivesse caído de para-quedas no meio de uma experiência de carácter sociológico que tinha corrido mal — talvez algo que tivesse a ver com humanoides. Algumas das raparigas do grupo viraram-se a nós... quero dizer, para nós. Viraram-se para mim e para o Jeb. Bem, na verdade, viraram-se apenas para o Jeb.

— Oh, meu Deus... — disse uma das Ambers. — Não é a pior viagem de comboio de sempre? Já reparaste no nevão?

Aquela Amber era esperta... Em que é que repararia a seguir? No comboio? Na lua? Nas vicissitudes hilariantes da existência humana? Na sua própria cabeça?

Não disse nada disto em voz alta porque a morte às mãos de uma chefe de claque não é propriamente a forma como mais desejo deixar este mundo. De qualquer forma, a Amber também não estava a falar comigo. Aliás, nem fazia ideia de que eu sequer estava ali. Quase se conseguia perceber os componentes robóticos das suas córneas a focar a imagem e a enquadrar o Jeb na mira.

— Sim, está realmente mau tempo — respondeu ele educadamente.

— Vamos para a Florida...?

Ela disse isto assim mesmo, como se fosse uma pergunta.

— O tempo deve estar mais agradável por lá — comentou o Jeb.

— Pois. Se conseguirmos lá chegar! Estamos todas no campeonato regional de claques, o que é duro, porque estamos de férias, mas celebrámos o Natal mais cedo, mais concretamente ontem...?

Foi então que reparei que todas pareciam ter coisas novas, como telemóveis novinhos em folha, braceletes e colares muito pouco discretos, as unhas acabadas de tratar em manicuras e modelos de *iPods* que eu nunca tinha visto.

A Amber ¹ sentou-se à nossa mesa de uma forma bastante cuidada, com os joelhos juntos e os calcanhares virados para fora. Era uma forma de se sentar bastante coquete, típica de uma pessoa que estava habituada a ser a criatura mais adorável das redondezas.

— Esta é a Julie — anunciou o Jeb, tendo a delicadeza de me apresentar à nossa nova amiga.

A Amber respondeu que se chamava Amber e apresentou-nos todas as outras Ambers e Madisons. Havia outros nomes, mas para mim eram todas Ambers e Madisons. Pareceu-me seguro abordar a questão desta forma. Pelo menos, sempre teria uma hipótese de acertar.

A Amber desatou a tagarelar, contando-nos tudo sobre o campeonato, e até conseguiu o feito espantoso de me incluir na conversa e de me ignorar ao mesmo tempo. Além disso, também estava a enviar-me a mensagem mental — profundamente subliminar — de que desejava que eu me levantasse e cedesse o lugar à sua tribo. De qualquer forma, naquela altura já ocupavam mesmo todos os cantos da carruagem, metade delas ao telemóvel, a outra metade entretida a consumir as reservas de água, café e *Coca-Cola Diet*.

Decidi que não precisava daquilo para tornar a minha vida ainda mais sombria.

— Vou voltar para o meu lugar — anunciei.

Porém, no preciso momento em que me levantei, o comboio travou a fundo, atirando-nos a todos na direção da locomotiva, o que fez com que espalhássemos bebidas quentes e frias por todo o lado. As rodas guincharam, como se protestassem, ao resvalarem pelos carris durante cerca de um minuto. O comboio acabou por se imobilizar de repente. Ouvi malas

a despenharem-se dos porta-bagagens por todo o comboio e pessoas a caírem onde quer que se encontrassem. Eram pessoas como eu. No meu caso, aterrei em cima de uma das Madisons e bati com o queixo e com uma das faces nalguma coisa. Não tenho a certeza do que era, porque as luzes apagaram-se nesse mesmo instante, causando uma vaga tremenda de gritos assustados. Senti mãos a ajudarem-me a levantar-me e não precisei de o ver para perceber que se tratava do Jeb.

— Estás bem? — perguntou-me.

— Sim... acho que sim.

As luzes tremeluziram, depois começaram a reacender-se uma a uma. Várias Ambers estavam agarradas ao balcão do bar como se as suas vidas dependessem disso. Havia comida espalhada pelo chão de toda a carruagem. O Jeb baixou-se e pegou no que antes fora o seu telemóvel e agora se encontrava partido em dois. Segurou-o na mão como se fosse uma cria de pássaro ferida.

Ouviu-se um som crepitante saído dos altifalantes, e a voz que falou pareceu-me realmente abalada. Não era, de todo, o tom sereno mas autoritário com que os revisores costumavam anunciar as paragens ao longo do percurso.

— Senhores passageiros, por favor, mantenham a calma — pediu a voz. — Um revisor irá verificar as vossas cabinas para ver se há feridos.

Encostei a cara à janela fria para tentar perceber o que se estava a passar. Estávamos parados perto do que parecia ser uma estrada larga com muitas faixas, como uma autoestrada. Pendurada a grande altura, por cima da estrada, via-se uma tabuleta refletora amarela. Aquele nevão impossibilitava-nos de ver o que quer que fosse com nitidez, mas reconheci a cor e o formato da tabuleta. Sinalizava a proximidade de uma Waffle House. Um funcionário do comboio caminhava atabalhoadamente pela neve junto à parte lateral do comboio, espreitando para debaixo da carruagem com uma lanterna.

Uma revisora abriu a porta da nossa carruagem de repente e pôs-se a observar toda a gente. Faltava-lhe o chapéu na cabeça.

— O que aconteceu? — perguntei-lhe, quando chegou ao pé de nós. — Parece que ficámos mesmo retidos aqui.

Baixou-se, espreitou pela janela e assobiou baixinho.

— E vamos mesmo ficar aqui parados, minha querida — disse ela, baixando a voz. — Estamos mesmo às portas de Gracetown, mas há um declive mais adiante e os carris estão completamente cobertos de neve. Talvez a central consiga enviar-nos alguns veículos de emergência amanhã de manhã, mas não tenho a certeza. Eu não apostaria nisso! Enfim, magoaste-te?

— Não, estou bem — tranquilizei-a.

No entanto, a Amber ¹ agarrava um dos pulsos.

— Amber! — gritou outra Amber. — O que é que tens?

— Torci o pulso... — gemeu a Amber ¹. — E bem!

— Esse é o teu pulso de impulsão para encestar!

Naquele momento, seis chefes de claque indicaram-me (de forma nada subliminar) que queriam que eu me afastasse para conseguirem chegar à colega ferida e sentá-la. O Jeb foi apanhado naquela vaga. As luzes diminuíram de intensidade, o ar condicionado foi reduzido com um ruído bastante audível, e voltou a ouvir-se uma voz nos altifalantes.

— Senhores passageiros, vamos reduzir um pouco o consumo de eletricidade para pouparmos energia — anunciou a voz. — Se tiverem convosco camisolas grossas ou cobertores, talvez seja melhor usarem-nos agora. Se algum dos senhores passageiros precisar de mais agasalhos, tentaremos fornecer o que conseguirmos arranjar. Pedimos a quem tenha agasalhos de sobra para os partilhar.

Olhei de novo para a tabuleta amarela e, de seguida, para as chefes de claque apinhadas. Tinha duas hipóteses: ficava ali, dentro daquele comboio parado, escuro e frio, ou tentava fazer

alguma coisa. Apresentava-se-me a possibilidade de controlar uma das situações daquele dia que já tinha fugido ao meu controlo demasiadas vezes. Não seria muito difícil atravessar a estrada para chegar à Waffle House, onde provavelmente teriam ar condicionado e bastante comida. Valia a pena tentar, e era um plano que me parecia que o Noah teria aprovado, pois demonstrava proatividade. Com cuidado, abri caminho por entre as Ambers para chegar ao Jeb.

— Há uma Waffle House do outro lado da estrada — disse-lhe eu. — Vou até lá, para ver se está aberta.

— Uma Waffle House? — perguntou o Jeb. — Devemos estar mesmo às portas da cidade, perto da autoestrada I-40.

— Não sejas doida! — exclamou a Amber 1. — E se o comboio arranca?

— Não vai arrancar — respondi-lhe. — A revisora acabou de mo dizer. Vamos ficar aqui retidos toda a noite. Na Waffle House, é possível que tenham ar condicionado, comida e espaço para nos mexermos. Que mais podemos fazer?

— Podíamos treinar as nossas danças de encorajamento — arriscou uma das Madisons, num fio de voz.

— Estás a pensar em ir sozinha? — perguntou o Jeb.

Percebi que ele queria ir comigo, mas a Amber estava agarrada a ele como uma lapa.

— Eu vou bem sozinha — tranquilizei-o. — É já ali, do outro lado da estrada. Dá-me o número do teu telemóvel e...

O Jeb ergueu o seu telemóvel partido para me recordar aquela realidade sombria. Acenei com a cabeça e peguei na mochila.

— Não me demoro — disse-lhe. — Tenho de voltar, não é? Para onde mais é que eu haveria de ir?



«COM UM ENREDO BEM ESTRUTURADO, CADA PONTA SOLTA DEIXADA POR UM AUTOR É DEVIDAMENTE ATADA PELO QUE LHE SEGUE. UMA LEITURA MARAVILHOSA PARA QUALQUER ALTURA DO ANO.»

Booklist



Numa cidade isolada por uma das maiores tempestades de neve dos últimos cinquenta anos, três histórias, oito raparigas e rapazes e mais uns quantos caminhos vão cruzar-se num romance brilhante, mágico e divertido, a que não faltarão fragmentos de amor, laços de amizade, uma maratona de filmes do James Bond e beijos muito apaixonados.



«Este livro é, sem dúvida, um dos meus livros preferidos. Na realidade é um livro mais que perfeito. *Quando a Neve Cai* será a minha leitura de Natal por muitos anos, e tenho a certeza de que se lerem este livro maravilhoso também virá a ser a vossa...»
The Guardian



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN 978-989-8626-91-2



9 789898 626912

Ficção estrangeira

